

# **As interseções entre comida e sociabilidade no acampamento Luiz Maranhão.<sup>1</sup>**

Renata Claudino<sup>2</sup>

## **Introdução**

A experiência etnográfica no acampamento Luís Maranhão, circunscrita no município de Campos dos Goytacazes<sup>3</sup>, realizada por, aproximadamente, cinco meses me levaram a elaborar este artigo cujo objeto de análise será a questão da alimentação em consonância com a dimensão de sociabilidade e política do processo de assentamento da localidade em questão. Recorremos a Simmel (2004) para desenvolver o entendimento da importância do ato de realizar uma refeição em conjunto, ela que não só une grupos de um mesmo pertencimento, mas agrega diferenças, hierarquias e estilo, ademais comer não é um ato autônomo ou solitário, comer é união socializar-se, e tornar um inimigo em amigo.

Com efeito compreende-se aqui que o elemento de sociabilidade é amplamente debatido pela bibliografia histórico-antropológica. Sahlin, (2003) destaca o paralelo entre animais e homens, como por exemplo o homem antes de comer irá pensar com quem irá fazer a refeição, já os animais apenas comem para suprir uma necessidade biológica. Para Carneiro (1998) comer é socializar, mas também é um ato dotado de valores, há variação de grupos de relações sociais, os homens atribuem sentidos ao partilhar a refeição.

Pensando em especial nas singularidades do impacto das práticas alimentares, produção, circulação de alimentos e nas formas de constituição dessas redes sociais foi possível identificar a rede de relações da qual as pessoas partilham e compartilham no ambiente de convivência efêmera no Acampamento Luiz Maranhão que anteriormente foi a Usina Cambaiba grande produtora de açúcar durante o século XX. Ao que pode ser

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<sup>3</sup> Município localizado no norte do estado do Rio de Janeiro que se notabilizou como um dos principais pólos nacionais da produção de açúcar no século XIX.

observado as relações entre os acampados parece por vezes conflituosas e sutis no dia-a-dia. O presente trabalho tem como objetivo mostrar como a comida e sua circulação formam uma coesão no acampamento no qual é perceptível no dia da “festa dos sem terrinhas”, a comida não apenas alimenta, mais nutre tais relações. De modo geral a comida além de determinar a identidade social de um grupo dialoga com a memória refletindo com o caráter contextual do momento em que se encontra o acampamento.

**Palavras-Chave:** Comida- acampamento- festa

### **Da Usina para o acampamento**

A formação do Acampamento Luís Maranhão não foi diferente dos outros acampamentos, como, por exemplo, o Dom Hélder Câmara e Terra sem Males, ambos situados no Estado de São Paulo (LOERA, 2006). No entanto devido a essa nova conjuntura pós ditadura, no ano de 2010, em Campos dos Goytacazes, a Usina Cambaiba, a grande produtora de açúcar no século XX é desapropriada para a formação do Acampamento Luiz do Maranhão. Há toda uma estrutura e planejamento para ocupar terras improdutivas e a maioria das ocupações ocorrem pela madrugada, onde são transportados por um ônibus cedido pelo MST, ou de outra entidade representativa.

Alguns indivíduos podem ser novatos “no ramo” de acampar terras levando consigo diversos adereços, como: armários, louças, fogão até mesmo guarda roupa. Há outros mais acostumados a mudanças repentinas, levam o que julgam necessário para nova ocupação. Como já foi citado o Movimento abrange um determinado tipo de pessoas: diaristas, desempregados, pedreiros, aposentados, etc., por outro lado, não se encontra muitos jovens, famílias e crianças no acampamento, a faixa etária está entre 36 a 70 anos, e por ser ainda um acampamento, muitos preferem trazer seus parentes depois da conquista da terra, há uma crescente presença de trabalhadores de origem urbana (MEDEIROS, 1996).

Ha toda uma estrutura em como e o que levar montar o barraco pois como no caso de pessoas que não possuem “casa” própria ou um terreno conforme as leis do Estado acabam morando “efetivamente” no acampamento, montam literalmente uma casa, com

direito a sala, cozinha, quarto e banheiro; diferentemente de outros cujo barraco há apenas um cômodo que abrange cozinha, quarto e sala, tendo o banheiro do lado de fora. Os barracos sempre estão alinhados como se fizessem uma rua (SIGAUD, 2005), assim tem-se uma visão ampla dos núcleos ficando cada barraco bem distribuído.

A maioria dos acampamentos organizados por entidades como MST tem regras estabelecidas e obrigação de cumprir ou ao menos tentar cumpri-las, por exemplo, ajudar na educação das crianças, segurança, plantação e saúde. É sabido que em alguns acampamentos, mesmo tendo essa tarefa, ela não é cumprida à risca. No caso de Cambaíba, há toda uma complexidade, atualmente, dependendo de como são distribuídas as tarefas, constantemente há um rodízio onde todos possam passar pelas obrigações e evitar conflitos entre os membros. De acordo com Fernandes (1999, p. 41), o rodízio “permite a organização crescer e trazer para dentro delas aptidões pessoais”, outras qualidades e funções vão surgindo com a disciplina imposta. Da mesma forma, os acampados participam de mobilizações, marchas, passeatas, bloqueio de estrada, como foi dito por um acampado “churrasco de pneu”.

O acampamento em questão fica a 45 minutos do centro da cidade de Campos, há os que, devido as atividades urbanas (comercio, construção civil ...), não ficam durante o dia e só voltam à noite, outros que ficam apenas alguns dias – os chamados “andorinhas”, e, por fim, aqueles que de fato moram. Atualmente o acampamento Luís Maranhão abrange 75 famílias ao todo e durante seus quatro anos ocorreram muitas chegadas e partidas. Aceitar a responsabilidade de viver em um acampamento é saber arcar com as adversidades que o dia a dia pode vir mostrar, é saber respeitar o espaço do outro e também ter muita persistência, coragem para esperar pelas terras.

### **O acampamento e sua dinâmica**

Aceitar a responsabilidade de viver em um acampamento é saber arcar com as adversidades que o dia a dia pode vir mostrar, é saber respeitar o espaço do outro e também ter muita persistência, coragem para esperar pelas terras. Em Luís Maranhão é comum encontrar nos dias de semana apenas algumas pessoas (FERNANDES, 2000) no acampamento.

A alternativa a certo tipo de nomadismo dá liberdade para o deslocamento dos acampados, tendo eles o direito de ir e vir, movimento este que está atrelado à quantidade de assentamentos por onde a circulação é feita e, por isso, podendo mobilizar outro contingente de pessoas. Em Luís Maranhão, ao menos tem que dormir três noites para poder futuramente ter acesso à tão aguardada terra. Então, para conhecer as pessoas que moram no acampamento foi um processo muito complicado no início do campo.

Os barracos estão separados por núcleos, por exemplo, B1, A2 configurando uma organização dos barracos, quem quiser morar no acampamento é só pedir uma por “vaga” como se fosse pedir um emprego, o coordenador irá avaliar as condições e dará o veredito se pode ou não; tendo vaga é só montar seu barraco, o que foi muita das vezes oferecido para mim. D. Maria José sempre comentava “*Monta seu barraco aí, e fica logo aqui, mora aqui é só chegar e pedir*”, caso aceitasse teria ocorrido um cadastro no qual seria pretendente às futuras terras.

Esse acampamento não tem um fogão e nem cozinha comunitária, o que é comum em outros acampamentos como mostrado por Loera (2014) e Sigaud (2005). Então só nos dias de festa, ocorre uma mobilização entre os acampados onde estreitam os laços entre si. Há, no entanto, um galpão fechado com cadeados, pois dentro há mantimentos para serem distribuídos, e o responsável das chaves e dos mantimentos é o coordenador Carlos, conhecido por Paulista, ele tem como suporte sua esposa Edneia. Ambos têm o prestígio e o respeito dos demais acampados devido a posição ocupada na ordem hierárquica do acampamento – coordenação. Alguns acampados não são a favor da gestão dessa coordenação, pois alegam que durante esses quatro anos não conseguiram as esperadas terras, e que não há luta no acampamento. Uma acampada<sup>4</sup> disse: “*Está vendo? Tudo vazio, sem ninguém aqui, não tem luta e já são quatro anos, ninguém se mobiliza, só quando tem comida, aí já viu né? Aparece todo mundo!*” Essa situação nos permite recuperar o que Max Weber aponta como a diferença entre as classes e grupos de status, que seriam “conjuntos de homens definidos por certa posição na hierarquia da honra e prestígio” (BORDIEU, 1998, p. 14) ao estabelecer diferenças numa determinada estrutura social, critérios determinados por sistema de valores.

---

<sup>4</sup> Alguns interlocutores pediram anonimato no trabalho etnográfico.

A acampada citada anteriormente já morou e participou de outros movimentos (LOERA, 2014) e alega que no antigo acampamento, com um mês, já estavam nas terras; ela se pergunta se a morosidade do caso Luís Maranhão não tem a ver com a forma pela qual a coordenação organiza o acampamento. O que mais ocorre no dia a dia do acampamento são os conflitos referentes à distribuição de terra, dinheiro e também os vários furtos que ocorrem nas plantações. Senhor Hernandez, certa vez comentou “*Menina, já levaram muito aipim meu, fazer o quê? Tem gente que passa fome aqui.*”, essas adversidades acabam gerando inimizades no grupo e desconfiança um com outro, o que faz cada um ser um pouco egoísta em relação ao seu companheiro. Há muita desconfiança na relação entre cada um que vive no acampamento.

### **Relação social, acampados e a comida**

A minha questão é tentar compreender a comida como uma possibilidade de leitura das relações sociais. Assim como mostra Lévi-Strauss (1979, p. 169), a comida mostra-se como uma linguagem repleta de signos, além de ser universal: “Tal como não existe sociedade sem linguagem, tão pouco existe nenhuma que, duma maneira ou doutra não cozinhe pelo menos alguns dos seus alimentos” (Lévi-Strauss: 1979). A comida dos acampados no dia a dia é simples sendo constituída por: arroz feijão e alguma carne e tende de aparecer ser o reflexo do dia a dia no acampamento. Nos finais de semana, parece ter uma espécie de liberdade, e, assim, a comida se configura, muda de status, não sendo apenas para nutrir o corpo, mas também para socializar amigos e parentes, é uma comida mais elaborada, ou seja, uma comida que sai do ciclo cotidiano. Mas não só a comida que muda de estrutura, mas os sentidos sensoriais como o paladar (KORSMEYER e SUTTON), a comida tem um sabor diferente.

Em cada barraco que visitei tinha suas semelhanças e diferenças na constituição. Ao permanecer em cada um deles os alimentos ofertados nos primeiros dias, era comida assada, pois sempre tentavam fazer o melhor, já que eu era vista como “visita”. Não pude negar o alimento em nenhum momento; como queria conhecer cada vez mais a dinâmica e a relação deles, por exemplo, optei por não falar sobre a minha aversão a carne vermelha e a outros alimentos, aceitei e vivi toda experiência proporcionada.

Hernandez e Maria, ambos não possuíam o hábito de “beliscarem” comida toda hora, sempre arrumam alguma coisa para fazer seja no pasto ou na plantação, às vezes só fazem três ou duas refeições por dia, o que com Edneia não ocorre, pois como tem filho pequeno, sempre tem à disposição uma variedade de guloseimas. Então de forma diferente de Maria e Hernandez, Edneia goza de uma possibilidade maior de comer mais doces e como de fato ocorre. Ela reclama que está acima do peso e diz que é por causa do ato de comer “toda hora”. Eliete segue a mesma linha de Edneia, trabalha com doces e também em preparo de bolos para encomendas, e acaba não resistindo ao gosto delicado deles, sempre quando está preparando-os prova para “ver” como a textura está. Desta forma percebi que o meio social em que cada um dos acampados convive acaba determinando o que vão comer.

### **Cada um no seu devido tempo: Almoço, jantar ou lanche**

Como já foi assinalado, o acampamento não tem uma cozinha e nem um fogão comunitário, o hábito de cozinhar em conjunto não acontece, a não ser quando se trata de festas ou quando há mobilizações. Durante a estadia feita em Luís Maranhão era comum escutar a mesma frase: “Almoço é arroz, feijão, carne e um pouco de legumes”, e, de fato, a comida era bastante semelhante, algumas diferenças giram em torno de como e onde foi preparada a comida e o tempo em que é feita e ingerida.

Dona Maria José, que faz o percurso de voltar para casa em alguns dias da semana e no dia seguinte retornar para o acampamento, trazia consigo algumas vasilhas com arroz e feijão, ela usa os utensílios de sua casa para preparação dos alimentos que irá consumir em seu barraco onde há um fogão e um refrigerador no barraco; ela costuma trazer sua comida previamente pré-cozida até mesmo cozida, assim diz não perder “tempo” cozinhando no barraco, prepara, desse modo, algo que considera ser “rápido” e eficiente. Mas uma única exceção para utilizar o fogão do barraco é para fazer queijo, a comida preparada em sua casa de certa forma é “particular” e a preparação do queijo fosse “pública”, visto que o alimento da cozinha de casa não costuma ser dividido, salvo quando alguém está passando necessidades no acampamento, o que acontece algumas vezes, então se dispõe a dar o que comer :

“Tem fulano aí, que não trabalha, chamo para capinar meu quintal, inventa desculpas, nunca aparece em serviço nenhum, aí se aparece, ganha o dinheiro gasta em bebida e não come, vem aqui no barraco e dou a comida. Sabe que outro dia ele disse que eu era esposa dele? Vê se pode!”

O que parece não acontecer com Eliete, que possui um fogão a lenha fora do seu barraco, cuja construção teve ajuda dos outros acampados, como Tino, um de seus amigos com quem costuma dividir comida.

“Outro dia Tino estava chegando da igreja e já ia indo para o barraco dele, viu que o pessoal estava aqui, desistiu de ir deitar e veio ficar aqui, conversando, comendo, é assim, só chegar” (Acampada Eliete).

Por ser um espaço à parte do barraco, algumas pessoas do acampamento costumam ir para a cozinha para conversar nem sequer entram no barraco. Durante horas permanecem ali, há sempre algum petisco sendo servido, seja café com biscoito e até pastel de vento, a cozinha acaba sendo um espaço de sociabilidade e comensalidade. O núcleo em que Eliete mora é considerado condomínio fechado, pois segundo ela: *“Ah é por causa do portãozinho que colocamos ali, aí falam que é condomínio fechado, mas não é, pode entrar”*.

Quando cheguei a primeira vez neste “condomínio”, fui recebida na cozinha, ofereceu-me os petiscos que estavam sendo servidos para mais três acampados, que estavam com Eliete; para ela, que mora no acampamento, é um alívio para não sentir-se sozinha o tempo inteiro. A reciprocidade aparece como um espectro no acampamento (MAUSS, 1974), colocando um engajamento grupal e individual nessa troca, troca-se mais do que os alimentos ofertados, mesmo que haja inclusão e exclusão, a dádiva se faz presente, mesmo que de forma reduzida para alguns.

A maioria dos acampados com o qual conversei têm como amigo em comum a Edneia, ela é o elo entre as trocas de comida. Tanto Eliete, Hernandez e Maria, os três a consideram como “parente”, e há a permuta entre os quatro, também dá e recebe comida dos três, pelo qual reforçam-se os laços, ela acaba sendo a base “amigável” do acampamento, pois acaba recebendo quitutes de todos os lados. Assim também sente a

obrigação de dar, então sempre que faz algum bolo ou sobremesa, divide com eles e não apenas comida, mas também segredos.

Como os acampados costumam começar seu dia bem cedo, por volta das 5-6 horas da manhã, a primeira coisa que ingerem é café e pão com manteiga, claro salvo Edneia que acorda bem mais tarde e não segue a mesma rotina que os outros acampados. Hernandez costuma ficar um bom tempo plantando e cuidando das galinhas, assim que termina por volta das 8h toma mais um café, dessa vez puro, e aguarda o almoço, e diz *“como só quando tenho fome, meu almoço é bem tarde, lá pelas duas horas”*, e, de fato, almoça bem tarde cuja comida é extremamente temperada, o sabor bem forte de tempero é marca registrada de Hernandez: *“Gosto de tudo bem temperado, gosto de sabor na comida, comida bem feita dá gosto!”*, como acorda cedo, o cansaço chega cedo também, por volta das 19h vai deitar-se, expressa que *“Não janto, eu lancho, tomo um leite, às vezes como um biscoitinho e só, durmo logo e no dia seguinte faço tudo de novo”*

De forma semelhante ocorre com D. Maria<sup>5</sup>, ela acorda também às 5-6 horas segue a mesma rotina que Hernandez (WARDE, 1997), cuida de seus 47 animais (bois e vacas), em seguida ela traz litros de leite que tira da vaca e leva para fazer o queijo, e o produz com muito cuidado e capricho. Almoça sempre que o jornal do meio-dia começa, sempre pontual. A tarde costuma tomar o mesmo café que o da parte da manhã, mas à noite também não janta, diz lanchar, *“comer alguma bobeira”*. Eliete já diz que costuma *“jantar”* e *“almoçar”* e faz *“lanches”* quando é preciso, precisamente quando há muitas tarefas durante o dia.

Então é preciso diferenciar o que é almoço, jantar e lanche (WARDE). Questionei todos os cinco acampados quando tive a oportunidade, então cada um disse: *“Almoço, minha filha, é: arroz, feijão, carne, sem carne não pode ficar, a janta é a mesma coisa que o almoço, já o lanche é quando não tem arroz e feijão, aí é lanche”*. Ouvi essa resposta de todos os acampados, que além de terem definido o que é *“almoço”*, *“lanche”* e *“janta”*, as respostas apontam para o fato de que esse tríptico está ligado a símbolos que faz parte do *“sistema tradicional”* brasileiro (BARBOSA, 2007) no qual há informalidade em como a comida será servida e sempre composto por alimentos de sal e gordura havendo uma grande mistura e estilos culinários em uma única refeição.

---

<sup>5</sup> D. Maria arrenda um terreno para cuidar de seus animais.

Em vista disso, cada um segue sua rotina de acordo com o “tempo” em que suas ações rotineiras giram em torno. À noite, quando todos já estão cansados tendem a economizar tempo, pois já estão cansados para fazer outras obrigações, então suspendem atividades como o ato de cozinhar. Essa prática (WARDE, 1997) acaba sendo mais do “dia”, ou seja almoço é a refeição principal e mais importante.

### **O cardápio híbrido: consumo de alimentos industrializados e naturais**

Em decorrência da grande expansão do capital e da globalização atingindo o setor de produção agrícola (CONTRERAS; GRACIA, 2011) e também a indústria alimentícia, no qual há uma progressiva permeabilidade e perda da diversidade levando a várias tendências alimentares (BARBOSA, 2007). Os processos da globalização podem significar o sumiço de certas práticas locais, indo desde a perda de animais, até espécies de legumes e verduras, mesmo diante desse cenário de mudança o indivíduo torna-se autônomo em suas escolhas tendo uma decisão alimentar a cada refeição.

Com as mudanças do modo de vida e transformações das condições da existência, as novas tecnologias contribuíram e continuam a contribuir para a modificação dos modos de preparar os alimentos (WARDE, 2015). Hoje em dia, há novas tecnologias no modo de preparar as refeições com alimentos já pré-cozidos, congelados, refogados e até mesmo temperados. O tempo objetivo é reduzido, há uma circulação de alimentos pelo qual se oferece uma imensa gama de opções. (FISCHLER, 2001). Todo esse processo em decorrência do sistema industrial e agrícola acaba gerando novas formas não apenas no plantar e colher como também na alteração de todos os ritmos temporais, pois enrijece o horário de trabalho, atingindo, dessa maneira, os “modos de vida” ao impor uma uniformidade que muita das vezes é contestada. Apesar desses impactos, há a permanência dos dias do trabalho e os de festa para toda uma sociedade, organizando a vida cotidiana entre o ócio e os festejos.

Não se pode deixar de mencionar que o governo brasileiro contribuiu muito para expansão da mecanização do trabalho agrícola e da produção de commodities, permitindo, inclusive, adubos químicos, e legumes e vegetais transgênicos. Então plantar e produzir alimentos de cesta básica do brasileiro tem sido cada vez mais reduzido e muitas pessoas

que costumavam a plantar ou criar animais não tem forças o suficiente para competir com grandes empresas alimentícias.

Essas transformações também ocorreram em acampamentos, no caso de Luís Maranhão, há a produção de alimentos, cada acampado tem seu espaço para plantação, D. Maria alega *“a terra daqui não é tão boa para plantar não, planto no quintal de casa e também plantar sozinha, sem ajuda de ninguém, fico desanimada.”* Mas mesmo a terra não sendo tão produtiva, há plantações de tomates, batata-doce, alface, quiabo, maxixe, estas são feitas pelo Hernandez, que usa desse trabalho como escapismo do ócio. Quando o tempo está mais seco, as verduras ficam escassas, então o consumo acaba sendo mais reduzido.

Nos momentos em que eu estava com eles, seja no almoço ou não, percebi que o consumo de vegetais e legumes eram baixo, e os itens que não podiam faltar eram o arroz e o feijão; o consumo de biscoitos e de suco de caixinha era alto, neste caso há uma hierarquia e divisão alimentar, sendo: de segunda a sexta a comida é prática e econômica já no final de semana e feriado ela volta-se para o prazer e elaboração.

Os acampados Hernandez, Eliete e Maria alegam que apenas almoçam, sendo a comida composta por: arroz, feijão, carne, alguns legumes sempre acompanhados de suco; as refeições são sempre feitas de frente para TV, como se a TV fosse alguma companheira já que moram sozinhos (BARBOSA, 2010). Em seguida, descansam em torno de 1 hora, e no caso de Maria, vai para o pasto cuidar das vacas e bois, já Eliete fica em sua “barraquinha” ou vai à plantação, Hernandez só sai do descanso, caso tenha alguma tarefa a realizar. À noite os três salientam que não jantam, fazem lanches, sendo compostos sempre de alguma coisa industrializada. De acordo com Contreras (2011) seriam os snacking alimentos rápidos e práticos os que *“forram a barriga”*.

Devido a esse novo tempo construído pela globalização e intensificação do trabalho, o cardápio muda, os cinco procuram o mais rápido para comer, mesmo tendo plantações no acampamento, não consomem com tanta frequência ou se consomem é pouquíssima coisa, utilizam bastante farinha, margarina, óleo de soja, constituindo o que Ramos (2007) denominou “cardápio híbrido”, feito por alimentos produzidos no acampamento e industrializados, adquiridos no supermercado, fazendo o percurso público X privado.

No caso de Edneia que possui uma família no acampamento, o cardápio gira em torno de seu filho, prevalecendo a comida industrializada (batata frita, biscoito, macarrão instantâneo) é muito maior, Maria diz que “O menino só come besteira, a Edneia não consegue fazer ele comer direito, o café da manhã é praticamente o almoço” ou seja a o que é dito saudável não seria gostoso para a criança.

Edneia acaba por fazer a vontade de seu filho na escolha do cardápio, então no almoço há nuggets, hambúrguer, refrigerante e batata frita, por sua vez diz que sente falta de comer alimentos “saudáveis”, mas como seu filho não come, muito menos seu marido, acaba rendendo-se a esse ciclo. Com uma sociedade cada vez mais individualista e mais condescendente com os pequenos e adolescentes, escutei diversas vezes de Edneia “*O que você quer comer hoje?* “

Brandão (1981), ao fazer campo em áreas rurais, visualizou que as famílias agricultoras também estavam sofrendo o processo de urbanização, seja morando na cidade ou não, destaca que mesmo eles produzindo alimentos, notava a semelhança da comida da cidade com a do campo. De forma semelhante acontece com os acampados, mesmo tendo reclamações sobre o gosto e textura da comida, eles dizem que não tem como escapar e acabam rendendo-se às grandes empresas alimentícias, devido ao grande impacto dos modelos corporativistas há uma grande influência na cadeia alimentar como um todo desde a produção até o consumo. Vem ocorrendo uma mudança significativa no modo de se alimentar em área rural devido às transformações globais e a falta de investimento no setor agrícola brasileiro, que investe o capital nas grandes empresas, e os pequenos produtores não conseguem atingir o patamar de produção, levando muitas das vezes a desistência de plantar e vender seus produtos.

### **Plantar, vender e dividir**

Como já foi mostrado, o cardápio dos acampados mostra-se misturado com comida vindo de suas próprias criações e comidas vindas de grandes empresas. Ademais, cada um dos acampados mantém relações com quem sente mais afinidade, assim como demonstrado pela literatura clássica, as interações sociais formam parte de um jogo que, em seu

conjunto, conformam a sociabilidade, há entre elas uma relação recíproca (SIMMEL e HUGHES, 1949; SIMMEL, 1997).

Como cada um contem seu espaço para plantar e para cuidar de animais como galinha e algumas vacas, eles aproveitam o fruto de seu trabalho para vender e ajudar na renda familiar, já que uns vivem de aposentadoria e outros de bolsa família e, assim, precisam aumentar o rendimento para poder não faltar alguma coisa no meado do mês. Eliete menciona que: *“Vendo muito pouco, quase ninguém hoje em dia compra verduras ou legumes, o que tenho que fazer é distribuir, dar para minha família, mas ninguém come não e há pouco procura aqui, às vezes ninguém sabe que aqui tem plantações”*.

Maria, por sua vez, planta na sua casa, produz leite no acampamento e vende seus produtos no programa “Cesta sabores da terra” <sup>6</sup>: *“Ah minha filha, outro dia o Paulista falou até para parar de participar, diz que gasta muita gasolina para levar as coisas e a renda é muito pouco, isso desanima sabe.”*

Dessa forma como mostra a autora Barbosa (2007), isso vem acontecendo devido às imposições feitas pela contemporaneidade, fazendo o autoconsumo cair ligeiramente, devido ao pouco incentivo que eles recebem. Então parte do que produzem, muitas das vezes, é distribuído para parentes e amigos; todos os três afirmaram que distribuem para quem tem mais afinidade. O consumo e produção não chegam a ser exorbitante e muitas das vezes também trocam com os outros acampados. Igualmente acontece permuta de alimentos quando há uma ajuda, como limpar a casa, no caso da Maria José que possui casa, e conta com a ajuda da Paula.

Essa troca de alimentos e favores fortalece as relações dos acampados com os seus amigos e com aqueles que estão passando por alguma dificuldade financeira, o que é bastante recorrente, existe todo um simbolismo na troca, que vai além do bem material trocado (MAUSS, 1974). Ao visitar as plantações de seu Hernandez, senti uma tristeza devido aos efeitos ocasionados pela forte estiagem. Ele não desiste e diz que vai continuar plantando e tentando vender seus produtos na feira do MST; quando isso não é possível, ele doa para quem está precisando ou dá para alguém, por exemplo, eu mesma ganhei legumes dos três (Maria, Eliete e Hernandez). Me chamou a atenção o gosto dos alimentos, por não ter elementos químicos, o tamanho da alface, era “pequeno” em relação os que são

---

<sup>6</sup> Programa da Universidade Federal Fluminense - Campos

vendidos em mercados e sacolões. Da mesma forma, quando estava com a Maria, o gosto do queijo me pareceu bem diferente daqueles vendidos no supermercado, sendo mais suave e até mesmo mais leve: *“Tá vendo? aqui não coloco hormônios nas minhas vacas, nada dessas coisas, por isso meu queijo é bom, o de mercado é cheio de trigo”*.

Há uma aproximação, uma simpatia, afeto, pelo que está sendo produzido e cuidado, a plantação e a criação de animais ganham um “sentido” na vida de Maria José, que além de distrair dos problemas, ajudam quando ela precisa de algum dinheiro e da mesma forma quando alguém necessita, ajuda com o que vem de suas plantações. Quando colhidas, verduras e legumes, os três costumam ir no barraco de alguém e dá o que plantou, o que sobra é para ser comercializado e utilizado. Neste ato de doar ou trocar não entra o valor monetário, sendo este fim para quem é “desconhecido” do grupo local.

Durante o tempo que estive no campo com Maria, auxiliei algumas vezes com o preparo do queijo, sempre me chamou a atenção o modo como falava de seus bichos de um modo especial. Meu corpo e o barraco ficavam impregnados devido ao cheiro do leite fresco, a conversa sempre girava em torno da rotina dos acampados e sobre sua infância. Sempre que estava com ela, eu tinha que comer do queijo e tomar seu café, caso recusasse seria uma ofensa, sempre deixava guardado um pedaço de queijo para eu comer, quando via que eu estava chegando, ela dizia: *“Oh, seu pedaço está lá na geladeira, pode abrir e pegar, já está separado dos demais, tem café também, pode usar o fogão, não sei se está frio ou quente, tá sem açúcar, já que você não usa”*.

Com o tempo, acabei participando das trocas, pois mesmo que eu não levasse nada, ganhava algo por ajudar nas tarefas domésticas, como: lavar a louça, varrer, ajudar a descascar algo etc., acabei entrando no ciclo das trocas, pois passei a ser uma companhia para eles, já que os três (Maria, Eliete e Hernandez) ficam sozinhos, acabei sendo aceita no grupo e no ciclo de trocas.

No próximo tópico, será analisado como as festas podem envolver todo o tipo de ajuda e unir até aquele com quem não se fala no cotidiano, a comida e a festa unem e os laços são, assim, fortalecidos.

## **Preparação da festa dos “sem- terrinhas”**

Como já foi analisado, o acampamento fica vazio durante a semana, devido ao rodízio de pessoas. No dia das Crianças<sup>7</sup>, soube que iria ter a festa dos “Sem-Terrinhas” e graças ao dinheiro fornecido pelo SindiPetro, o festejo iria finalmente acontecer. Nesse dia os acampados dividiram-se em tarefas: os homens ficaram com a parte das cervejas e também com os aparelhos de som, as mulheres com a comida e com a limpeza. Dona Maria José, Elite e Edneia e o resto das mulheres (muitas que não estavam indo ao acampamento) organizaram-se na preparação do cachorro-quente, pipoca, bolo e o resto dos doces, cada uma foi trazendo de seu barraco ou de casa panelas e outros itens, como colher de pau, etc.

Bourdieu (1998), ao mostrar as diferenças entre as classes e grupos de status, sendo “conjuntos de homens definidos por certa posição na hierarquia da honra e do prestígio” (p. 14) sendo estabelecidos por critérios de diferenciação e distinção numa determinada estrutura social, o fato de Edneia ser a esposa do coordenador geral do acampamento contribuiu para que a sua cozinha fosse utilizada para o preparo do alimento para a festa, uma espécie de um fogão para vários fogos. Nesse dia, Maria José, Eliete, Sílvia e outras mulheres se reuniram. Ao contrário do que ocorre durante a semana, cada uma solidarizou-se, participou e ajudou na cozinha, que virou o centro da sociabilidade. É na cozinha do barraco de Edneia onde as mulheres começaram os preparativos, estendendo-se ao galpão, este que se mantém fechado devido às cestas recebidas, a fim de evitar furtos. No galpão foi projetada uma outra cozinha, onde os homens ao menos sequer entravam.

Havia também sido montado um projetor para a sessão de cinema para as crianças, pula-pula, e claro o devido bolo com docinhos e balas para serem distribuídos. O painel da festa era o símbolo do MST com os nomes dos sem-terrinhas espalhado no papel. A participação dos homens ficou restrita às cervejas, músicas, mas na cozinha quem prevaleciam eram as mulheres que aproveitavam para colocar as fofocas em dia, como analisado por Carneiro (1998) a comida puxa a prosa. E foi assim durante todo o preparo, todo tipo de assunto era falado de política à comida, e assim iam costurando os “retalhos” de uma “amizade” perdida.

---

<sup>7</sup> Dia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

A seguir será mostrada a festa dos “Sem-Terrinhas”, como foi o decorrer da festa, e a relação entre a comida, os “bocas-livres” e as crianças.

### **O festejo dos “sem- terrinhas” e o elo entre os acampados**

No dia 12 de outubro, é celebrado o dia das crianças e também é festa religiosa da Imaculada Aparecida e com a aquisição do dinheiro cedido pelo SindiPetro<sup>8</sup> a festa poderia ser concretizada. Houve um mutirão dos acampados para a realização da festinha das crianças, chamado de “sem terrinhas”. A festa ocorreu na parte da tarde por volta das 15 horas, com a participação inicial de umas 50 crianças no galpão para assistir ao filme que em instantes iria começar. Edneia estava pedindo as mulheres agilidade na hora de servir as crianças, queria que tudo ocorresse perfeitamente, exigia organização na hora de servir os convidados, além disso era aguardado o Sindicato para fiscalizar a festa, *“Tem que deixar tudo bonitinho, o pessoal do sindicato vai vir aqui e tem que mostrar serviço, trabalho. Não quero problemas e nem perturbação depois” – Edneia.*

Como o acampamento fica vazio durante a semana e não possui um número significativo de crianças, alguns moradores do acampamento chamaram seus parentes para que pudessem dar mais “volume” a festa, porém esse “convite” gerou comentários negativos a respeito, Dona Maria não gostou, disse abertamente *“Em dia de semana não fica ninguém aqui no acampamento, não aparece ninguém, nem uma mosca, agora quando tem comida de graça, tem gente até que nunca apareceu aqui, não gosto disso não, não gosto”*.

Como foi discutido por Comerford (2015), o conflito remete ao controle e descontrole no cotidiano, fazendo com que os interlocutores saibam como viver uns com os outros, há o respeito, as brincadeiras, discussões produzindo assim uma relação de convívios entre as pessoas. O antagonismo existente entre aproximação e distância fazem a realidade da sociabilidade dos acampados, pois nesta festa esses dois polos se cruzam, fazendo assim uma relação amistosa. De todas as conversas que pude ouvir e observar, há um cálculo no que dizer, como também foi analisado por Carneiro (2010), se uma conversa não for prazerosa pode vir a configurar a uma inimizade ou um distanciamento.

---

<sup>8</sup> Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense - Sindipetro/nf.

Ao decorrer da festa e durante a distribuição dos quitutes, cada um seguia para quem tinha mais afinidade, Eliete com seus amigos, Maria também fazia o mesmo percurso e Edneia era o elo entre todos os acampados, como se fosse a abelha rainha, ela era “ponte comum”, fazendo ligação com todos os acampados.

A conversa e a comida andaram juntas nesse dia, pela distribuição de comida partilhava-se a conversa, tornando o ambiente mais agradável transformando e realçando o sabor das comidas levando a repetição, pois mesmo que cada um estivesse com o seu grupo, quanto mais interessante for a conversa mais saborosa a comida pode vir a ficar, uma coisa leva a outra sem que isso seja determinante. Durante a comemoração, dezenas de repetições ocorreram, os sentidos ficaram mais aguçados

Há toda uma metamorfose entre comida, paladar e experiência, e o tempo em que come e quando come. Ao comer juntos, reafirmam-se um grupo e toda uma identidade local, todas as singularidades em uma só. A comida é um elemento importante que serve aos grupos sociais para tomarem consciência de sua identidade e de sua etnicidade – entendida como o sentimento de fazer parte de uma entidade cultural distinta, de maneira que seu compartilhamento possa significar o reconhecimento. É certo também, que muitas vezes esses traços serviam para a segregação e para o repúdio cultural, porque a ideia que cada grupo tem sobre a comestibilidade dos produtos tem lugar importante no nível dos contatos culturais e porque cada grupo traz em si mesmo uma categorização específica a respeito.

Ao final da festa dos sem-terrinha cada um levou para casa um pedaço de bolo e doces (balas e docinhos) a fim de poder degustar um pouco mais do sabor adocicado. Ao levar embora o bolo ou doces, toda uma memória é construída (HALBWACHS, 1968), onde o reconhecimento dessa (re) construção depende da existência do grupo. Assim as relações sociais retomam as lembranças como foi mostrado por Holtzman (2006).

Assim o bolo e os doces podem vir a configurar uma referência temporal-espacial. E essa lembrança é sempre fruto de uma construção coletiva, e a comida servida na festividade é a base da construção de memórias e de afetos, onde os sentimentos de pertencimento são reforçados. Com o fim da festividade, é cada um por si só, o individual se sobressai pelo coletivo, mas quando há uma causa comum, todos os acampados solidarizam-se e se dividem em tarefas ajudando um ao outro principalmente quando tem

relação com comida, então todos participam. Simmel (1987) observou esse processo de individualização na modernidade, as relações tornam-se mais líquidas e o ritmo de vida é acelerado, e, a mobilidade, inclusive, é alterada, sendo de mais fácil acesso. As relações sociais tornam-se mais impessoais que antigamente fora e também mais objetivas consequentemente mais superficiais

### **Conclusão**

A alimentação pode mostrar muito de uma sociedade, grupos e seres humanos são parte inerente à cultura, e a comida pode ir muito além de nutrir como, por exemplo, ela ajuda a realçar laços, como demonstrei a partir o da vida e da dinâmica cotidiana de cada um dos personagens. Os acampados em geral apenas unem-se quando ocorre uma festa, como assinalei na descrição da festa dos sem terrinhas, através da qual há um empenho de todos na tentativa de ajudar, mas ao mesmo tempo cada um fica na festa com quem tem mais intimidade. Nos dias “regulares” é comum cada um ficar em seu canto, fazendo poucos contatos com quem mora no acampamento, fazendo assim um distanciamento.

Não só a relação passa a ser “superficial”, mas também a comida. Os cinco acampados com os quais trabalhei comem alguma “coisa” prontamente feita, como carne já temperada, suco de garrafa dentre outros. A refeição também era sempre feita com a TV ligada, salvo no barraco da Eliete, já que a cozinha está localizada do lado de fora. É tudo muito rápido, e sempre alegavam “não tenho tempo”, o trabalho toma conta do tempo, então o momento prazeroso da comida acaba ficando reduzido devido ao cansaço. Essa situação apenas muda quando há algo comum entre eles, quando ocorre algum mutirão ou nas festas, como foi mostrado na última parte, aí então há toda uma sintonia entre eles.

O plantar no acampamento não é muito fortuito, pois por estar na condição de acampados e não assentados, a plantação não pode ser tão grande e também o solo não ajuda, como foi comentado por Maria. O consumo do que é plantado muito das vezes é ínfimo: ou levam para as freiras ou dividem com seus parentes ou com algumas pessoas do local, mas alegam que a procura por verduras e legumes é muito rara, não há investimento e também como foi salientado, “plantar

sozinho é chato” (Dona Maria). Talvez quando mudar a situação de acampamento para assentamento haja mais produtividade em relação à plantação e criação de animais.

O caminho percorrido foi árduo, mas prazeroso, o trabalho de campo mostrou-se extremamente importante e preciso para mostrar a dinâmica, sociabilidade, reciprocidade e comida. Cada acampado participou de forma excepcional.

A pesquisa tentou responder como se organizam os acampados em relação uns aos outros e a comida, a questão pela luta de terra que iniciou com os Quilombos até os dias atuais. Qual a relação entre os acampados? Pois já que a luta é conjunta como é o dia a dia de cada um? O trabalho mostrou que há uma individualização, é cada um no seu barraco, onde em pequenos casos há união, como no caso dos festejos ou de algum outro ato. Essa individualização chega até na comida, onde ela não é compartilhada. O trabalho tentou expor a questão do tempo, como ele é dividido, pois sempre estavam reclamando sobre o “tempo”, da mesma forma a questão dos produtos industrializados na refeição de cada um, ainda mais pelo fato do acampamento estar em uma metrópole, mudando a estrutura alimentar.

Por fim o trabalho tentou dar visibilidade a vida, sociabilidade e conflito entre os acampados entre comida no acampamento, onde as relações acabam sendo dificultadas por causa de uma luta comum entre cada um.

## Bibliografia

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- Barbosa, Livia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Antropologia participante de Carlos Rodrigues Brandão: Entrevista. *Senso Comum: Jornal dos estudantes de Ciências sociais da UFG, Goiânia*, p. 5 junho 2006. Edição especial.
- \_\_\_\_\_. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981. 181 p.
- COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a Luta: Sociabilidade, Falas e Rituais na Construção de Organizações Camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Núcleo de Antropologia da Política (Coleção Antropologia da Política, 5), 1999. 154 p.
- COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle. *Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015.
- CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. *Alimentación, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011
- DOUGLAS, Mary. “Las estructuras de lo culinario”. En: Jesús Contreras (comp) *Alimentación y cultura. Necesidades, gustos y costumbres*, Barcelona: Universidad de Barcelona, 1995.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
- FISCHLER, Claude. *L'Homnivore*. Paris: Editeur. Poche Odile Jacob, 2001.
- HALBWACHS, M. *La memoire collective*. Paris: PUF, 1968.
- HERNÁNDEZ, Jesús Contreras. LA MODERNIDAD ALIMENTARIA Entre la sobreabundancia y la inseguridad. *Revista Internacional de Sociología (RIS)*, Tercera Época, n. 40, Enero-Abril, 2005. p. 109-132.
- \_\_\_\_\_, Jesus. *Alimentación y cultura: gustos y costumbres y necesidades*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1995.
- \_\_\_\_\_. “¿Sabemos realmente lo que comemos? El porqué de una antropología de la alimentación”. Em: *Cultura alimentaria de España y América*, pp. 381-409. Huesca: La Val de Onsera, 1995.

KORSMEYER, C; SUTTON, David. *The sensory experience of food*. Focus in Food culture society. Volume 14, issue 4, December 2011.

LOERA, Nashieli Rangel. *A Espiral das Ocupações de Terra*. São Paulo/Campinas: Polis/Unicamp/IFCH/Ceres, 2006.

\_\_\_\_\_. *Tempo de acampamento*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 231 p.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: EDUSP, 1974 [1923-24].

SIGAUD, Lygia; ROSA, Marcelo; MACEDO, Marcelo Ernandez. Ocupações de Terra, Acampamentos e Demandas ao Estado: Uma Análise em Perspectiva Comparada. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, 2008. p. 107 a 142.

SIGAUD, Lygia. As condições de possibilidade das ocupações de terra. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, junho 2005. p.255-280.

SIMMEL, Georg. Sociologia da Refeição. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 33, janeiro- junho de 2004. p. 159-166.

\_\_\_\_\_. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

SIMMEL, Georg; HUGHES, Everett C. "The sociology of sociability." *American Journal of Sociology*, 1949. p. 254-261.

Warde, Alan : *Consumption, Food & Taste. Culinary Antinomies and Commodity Culture*. London: Sage, 1997.